

Terra de candango, linguagem universal

DF-Brasília

Estudos mostram que brasilienses ainda buscam um sotaque próprio

FLAVIANA ANDRADE

Com apenas 44 anos, Brasília, dia após dia, vai criando identidade e características no cenário das capitais. Um dos pontos polêmicos a respeito da capital federal é em relação ao sotaque. Algumas pessoas garantem que a cidade possui uma pronúncia peculiar. Outras, porém, afirmam que a linguagem de Brasília se mistura e não é definida.

Stella Maris Bortoni, professora da UnB, doutora em lingüística pela Universidade de Lancaster (Inglaterra) e presidente da Associação Brasileira de Lingüística (AbraLin), desenvolve desde 1983 uma pesquisa sobre a fala e a cultura brasilienses. Para ela, a identidade de Brasília ainda está se formando.

"Nós não podemos querer que a cultura de uma cidade nova se consolide com tanta rapidez", atenta. "A pesquisa mostra que essa é uma cidade com vocação cosmopolita. Os brasilienses comentam que, quando vão para outras regiões, as pessoas percebem que eles não são dali, mas ainda não conseguem identificá-los como sendo de Brasília", complementa.

MISTURA - Jovens que nasceram em Brasília, como o advogado Paulo Emílio Catta, de 28 anos, elucidam bem a afirmação da lingüista. Tendo em sua turma amigos da Asa Norte, Asa Sul, Sudoeste e Lago Sul, ele considera que os brasilienses não possuem um sotaque próprio: a seu ver, o que existe é resultado de uma mistura de paulistas, cariocas e mineiros.

"Quando viajo, nunca sou reconhecido pelo meu sotaque e não percebo os brasilienses fora da cidade", afirma. "Quando vou para o Sul, me confundem com baiano; e no Rio, com mineiro".

Ana Maria Vellasco, lingüista e professora da Faculdade de Educação da UnB, desenvolve, desde 1998, a pesquisa *O Falar Candango*. O trabalho é parte da pesquisa desenvolvida por Stella Maris

Bortoni e analisa a linguagem dos jovens do DF. Uma das conclusões de Ana Maria é a de que o termo candango se refere aos jovens que nasceram e cresceram no DF.

Para a professora, uma nova fala, que não pode ser denominada de gíria, vem sendo desenvolvida na capital, onde ruas são chamadas de conjuntos e entrequadradas. Avenidas, por sua vez, são vias ou eixos, enquanto rodovias são conhecidas como estradas-parques.

CÓDIGOS - "As expressões nascem de dentro da galera (rapaziada ou *rapeize*) e o seu linguajar é um código novo e quase cifrado", define Ana Maria. Ela diz que, assim como em outras regiões e países, os inovadores da linguagem não são acadêmicos: são jovens de diferentes classes sociais, que criam expressões em seus círculos de amizade. "Palavras nascem como senhas e podem ser efêmeras ou ganhar popularidade até serem ouvidas em quase todos os endereços", explica.

Filho de um paulista e de uma goiana, o servidor Roberto Martins, 28, foge de sua descendência e carrega no sotaque carioca. Mesmo negando a semelhança, o jeito de falar "meio mole" confunde várias pessoas.

Bastante versátil na sua linguagem, Robertinho, como é conhecido pelos amigos, tem o costume de criar expressões que se tornam comuns na turma e entre outras pessoas. "Em uma brincadeira acabou surgindo o 'choquinho de lanterna', que uso quando quero me referir a coisas ou situações bem fraquinhas", cita, exemplificando.

São inovações desse tipo, normalmente adotadas a partir de um núcleo específico, que aos poucos vão ganhando a simpatia popular e se transformam em expressões de abrangência universalizada. Nesse sentido, o processo que levaria Brasília a ter uma característica diferenciada na fala de seus habitantes é o mesmo que determina a formação dos sotaques característicos de outras regiões.

EXPRESSÕES

- Gaveteiro: aquele (a) que rouba o (a) namorado (a) dos amigos
- Craudiado: lotado, cheio
- Cabuloso: inacreditável
- Peguete: garoto (a) com quem você está "ficando"
- De prima: de primeira
- De boa: tudo certo
- Toda hora: para já
- Demorou: para já
- Tipo assim: por exemplo
- Por aí: isso mesmo
- TDB: tudibom (Tudo de bom)
- Pense: imagine
- Vêi: equivalente a "cara", meu irmão, *brother*
- Show de horrores: algo muito ruim

SER BRASILIENSE É ...

- Sentir-se confortável com umidade de 12%
- Achar que todo lugar tem árvore com tronco torto
- Sentir-se à vontade com endereços em coordenadas cartesianas
- Achar que a natureza não fez mais do que a obrigação quando você contempla um pôr-do-sol cinematográfico
- Saber qual é a profecia de Dom Bosco
- Classificar "montanha" como substantivo abstrato
- Ver as crianças descenderem para brincar "debaixo do bloco"
- Parar o carro antes da faixa de pedestre
- Ouvir dizer "é bem pertinho" e pensar em 50 quilômetros
- Saber quem é Venâncio
- Ter medo de jogar lixo pela janela do carro
- Saber que pardal não é apenas uma ave
- Não ter a menor noção do que seja uma rua de paralelepípedos
- Saber que "camelo" é bicicleta
- Dormir, ao menos durante três meses do ano, com uma toalha molhada, umidificador e bacia d'água no quarto e achar tudo muito normal
- Saber que a tesourinha não corta nada e que o balão não tem ar
- Saber que a pergunta "conhece alguém do 'I' da 2?" faz perfeito sentido.

Retirado do site www.infobrasilia.com.br. (Autor desconhecido)

